

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

ORGÃO DA UNIÃO CATHOLICA
EM PORTUGAL

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu,

1D. 13, 14.



EGREJA DE S. COLMAN, EM DROMORE

SUMMARIO:

A REDUCÇÃO DAS DIOCESES.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Tratado da Religião em Geral* (conclusão), V. de P. P.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *Estudo Hermeneutico-Critico. Analyse critica do systema mythico applicado ao Novo Testamento* (conclusão), pelo P.º Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO CRITICA: *A morte de um liberal*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO LITTERARIA: *Lembrança*, poesia, por Joaquim Pestana; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, (continuação).—SECÇÃO ILLUSTRADA: *Ejreja de S. Colman, em Dromore*, por R.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Expediente*.

GUIMARÃES 30 DE SETEMBRO DE 1882

A REDUCÇÃO DAS DIOCESES

Retiramos o nosso artigo de fundo para transcrever do *Diario do Governo* os documentos seguintes, para que na nossa Revista fiquem archivados e possam ser consultados a todo o tempo, sabendo-se d'esta arte os tramites seguidos com um assumpto de tanta importancia.

«*Execução das Letras Apostolicas de Sua Santidade a respeito da redução e nova circumscripção das Dioceses do Continente do Reino*

Carta Regia ao Eminentissimo Cardeal Bispo do Porto, nomeado executor das mesmas Letras Apostolicas

Illustrissimo e Reverendissimo em Christo Padre Cardeal Bispo do Porto, Meu como irmão muito amado. Eu El-Rei vos Envio muito saudar como aquelle que muito Aino. Foi-Me presente o processo que haveis instaurado para execução das Letras Apostolicas de trinta de Setembro de mil oitocentos e oitenta e um, expedidas a Instancias Minhas pelo Santo Padre Leão XIII, ora Presidente na Universal Egreja de Deus, que começam *Gravissimum Christi Ecclesiam regendi et gubernandi munus*, e ás quaes Accordei o Meu Real Beneplacito, como vos foi declarado no Aviso Regio de seis de Dezembro d'aquelle anno. E, Mantendo as Reaes prerogativas e o livre exercicio dos direitos que competem ao Estado: Hei por bem, ouvido o parecer do Conselheiro Procurador Geral da Corôa e Fazenda, Conceder a Minha Approvação nos termos das leis vigentes, e Mandar dar execução á sentença que haveis proferido e por virtude da qual, em harmonia com o plano adoptado pelo meu governo, são supprimidas as Dioceses de Aveiro, Castello Branco, Elvas, Leiria e Pinhel, assim como os dois isentos da Prelazia de Thomar e Grão Priorado do Crato, e novamente circumscripções e demarcadas as Dioceses subsistentes pelo modo constante dos respectivos autos, que

ficarão guardados no Real archivo da Torre do Tombo.

O que me pareceu dever comunicar-vos para os devidos efeitos; Significando-vos o Meu Real agrado pelo acerto, prudencia e louvavel sollicitude com que haveis desempenhado tão importante encargo, que Sua Santidade Confiou da vossa competencia e reconhecida illustração.—Illustrissimo e Reverendissimo em Christo Padre Cardeal Bispo do Porto, Meu como irmão muito amado. Nosso Senhor Haja a vossa Pessoa em Sua Santa guarda.

Escrepta no Paço da Ajuda, aos quatorze dias do mez de Setembro de mil oitocentos oitenta e dois.—REI.—*Julio Marques de Vilhena*.

Sentença do Eminentissimo Cardeal Bispo do Porto como executor das referidas Letras Apostolicas

Christi Nomine invocato

Vistos estes autos, Bulla do Santo Padre Leão XIII, ora Presidente na Universal Egreja de Deus, a qual começa *Gravissimum Christi Ecclesiam regendi et gubernandi munus*, expedida pela Santa Sé Apostolica em data de trinta de Setembro do anno da Encarnação do Senhor de mil oitocentos e oitenta e um para redução e nova circumscripção das Dioceses do Continente do Reino de Portugal:

Aviso Regio de seis de Dezembro do mesmo anno a nós dirigido como executor nomeado na referida Bulla, pelo qual esta nos é remettida, acompanhada de uma carta geographica authenticada pela Congregação dos Negocios Consistoriaes e pela mesma enviada com decreto especial para ser seguida como norma; tudo a fim de como o Real Beneplacito e Regio auxilio procedermos á sua effectiva execução, conforme a instancia e impetração feita por Sua Magestade El-Rei:

Acceitação nossa da delegação Apostolica.

Traslados authenticos por nós sollicitados da Lei de vinte de Abril de mil oitocentos setenta e seis, da Carta Regia dirigida ao Santo Padre Leão XIII por Sua Magestade sobre este assumpto, e da Acta da reunião dos Re-

verendos Prelados do Reino, celebrada na cidade de Lisboa em vinte de Novembro de mil oitocentos e oitenta, bem como da Carta de Lei de vinte e sete de Julho ultimo, que posteriormente me foi remettida:

Comunicação a nós feita pelo Governo de Sua Magestade ácerca do numero exacto de parochias de cada uma das Dioceses subsistentes, conforme foi proposto e accordado na mencionada reunião dos Reverendos Prelados:

E por ultimo participação do Reverendo Bispo de Orense, do Reino de Hespanha, de annuencia ás determinações Apostolicas para serem desmembradas da sua Diocese e jurisdicção espirital duas parochias sitas em territorio do Continente do Reino de Portugal e mais termos que se seguiram até final sentença:

(*Continúa*).

Secção Religiosa

TRATADO

DA

RELIGIÃO EM GERAL

CAPITULO IV

Da indifferença em materia religiosa

(*Conclusão*)

LXXIII

A LÉM de que, de tres cousas uma: ou as religiões são todas verdadeiras, ou todas falsas, ou ha uma só verdadeira. Ora, a primeira suposição é absurda; religiões diferentes, contendo dogmas contradictorios que se excluem mutuamente, não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo quanto a esses mesmos dogmas. E' impossivel, por exemplo, conciliar o culto do verdadeiro Deus com o culto dos idolos; a qualidade de vigario de Jesus Christo, no papa, com o titulo de antechristo que lhe dão os protestantes: o *sim* e o *não* não cabem juntos. A segunda suppo-

sição não é mais admissivel que a primeira: não se pode sustentar que as religiões sejam todas falsas; seria cahir no atheismo pratico e transornar o sistema dos nossos adversarios, que, admitindo a necessidade de uma religião natural, admittem por isso mesmo que essa religião não pode deixar de ser verdadeira. Resta pois concluir que, d'entre as differentes religiões que reinam no mundo, só uma é a verdadeira e conforme em tudo com a sua instituição divina.

LXXIV

Finalmente, ha uma só noção do bem e do mal, do justo e do injusto; n'uma palavra, ha uma só moral, e não pode haver mais que uma: n'isto concordam os deistas, embora se vejam obrigados a confessar que os philosophos antigos e modernos cairam em graves erros no que diz respeito aos costumes. A moral, effectivamente só pode ser uma, pois que se funda em a natureza e nas necessidades do homem, que são as mesmas em toda a parte; por outras palavras, nas relações do homem com os seus semelhantes, do filho com o pae de familia, do criado com o amo, do subdito com o chefe da sociedade. Ora, o mesmo succede com a religião, que regula os nossos deveres para com Deus; já porque a moral na sua acceção geral, a lei natural nos prescreve que se dê a cada um o que lhe pertence, a Cezar o que é de Cezar, a Deus o que é de Deus; já porque a religião, em quanto aos principios geraes, se funda igualmente em a natureza e nas precisões do homem, isto é, nas relações essenciaes do homem com Deus, da creatura com o Creador, do inferior com o superior: d'onde resulta necessariamente para todos a obrigação de serem submissos á vontade de Deus, e de o honrarem com actos de gratidão, amor e obediencia. Por isso é que o esquerimento de Deus, a ingratição para com Deus, a impiedade ou o desprezo dos mandamentos de Deus, a resistencia á manifesta vontade de Deus, o sacrilegio ou a profanação das causas consagradas a Deus, a blasphemia ou as palavras injuriosas a Deus, foram sempre consideradas em toda a parte como outros tantos crimes dignos dos castigos de Deus. A verdadeira religião é uma, pois, emquanto aos principios primarios. Ora, em virtude d'estes principios universalmente reconhecidos, é impiedade culpavel despresar a palavra de Deus, quando elle falla; é uma insubordinação criminosa resistir á sua vontade, quando elle manda; é portanto indispensavelmente necessario acreditar o que elle quer que acreditemos e praticar o que elle quer que pratique-

mos, sob pena de sermos rebeldes e punidos como taes: *Qui autem resistunt, ipsi sibi damnationem acquirunt* (1)

LXXV

Mas verdadeiramente Deus fallou? Deus fallou, de certo, por intermedio dos patriarchas, e dos prophetas, e de Jesus Christo. Mas aqui trata-se sómente de saber se ha obrigação de examinar se Deus fallou ou não. Nós responderemos pois: De todas as religiões que existem, não ha uma só que não se inculque inspirada ou revelada por Deus; logo é necessario, na duvida, examinar se ha uma Revelação divina. Das religiões que se inculcam como reveladas, a religião christã, que está espalhada por todas as partes do universo, apresenta-se como a unica religião divina em tudo, unica que pode satisfazer a intelligencia e o coração do homem, e corresponder ás necessidades da sociedade; logo é necessario, se se duvidar da sua divindade, examinar se ella vem realmente de Deus. Entre as communhões christãs, crê a Igreja catholica romana ser a unica que segue em tudo a doutrina de Jesus Christo; logo, repetimol-o mais uma vez, os que não crêem devem examinar se a Igreja catholica romana é a unica e verdadeira Igreja catholica de Jesus Christo. Ficar indifferente á questão sobre saber se existe uma religião revelada ou não, e qual é essa religião, não será desatender a Deus, desatender-se o homem a si mesmo? Desatender a Deus, que tem direito de exigir que aquelle a quem elle fez á sua imagem procure conhecer a verdade? desatender o homem a si mesmo, expondo-se á condemnação eterna, no caso de Deus ter fallado e ter querido ser obedecido? Que poderá allegar o indifferente para se justificar, quando comparecer na presença do supremo juiz? A sua ignorancia? Mas não é essa ignorancia tão criminosa como a sua indifferença? Porque é que elle ignora a verdade, senão porque não quer examinar? *Noulit intelligere ut bene ageret* (2). A impossibilidade de discernir o verdadeiro do falso, a verdade do erro? Mas quem se atreverá a dizer que lhe é impossivel discernir a verdadeira religião, se, longe de buscar conhecê-la, não se deu sequer ao trabalho de examinar se é verdade ou não que *todas as religiões sejam boas*; que a verdade e o erro em materia religiosa sejam uma e a mesma coisa? Não, nada pode desculpar a cegueira de quem é indifferente na escolha de religião; o seu estado não é me-

nos triste, nem menos deploravel, nem menos horrorisante que o estado d'aquelle que leva a sua extravagancia até o ponto de ser indifferente á pratica de uma religião qualquer. A unica differença entre um e outro, é que este é mais consequente que o primeiro, supposto seja menos consequente que o athéo (1). Concluamos enfão: ninguem pode permanecer na indifferença acerca da escolha de religião; a maxima, *Todas as religiões são boas*, é tão absurda como impia; todos devem no caso da duvida, procurar seriamente conhecer se existe uma religião revelada e qual é essa religião.

FIM

(Versão da Theologia dogmatica do Cardinal Goussset, feita pelo P.º Freza).

Secção Scientifica

ESTUDO HERMENEUTICO-CRITICO

Analyse Critica do Systema Mythico applicado ao Novo Testamento

PARTE CRITICA

Exame critico do systema mythico de Strauss.—O que são as narrações evangelicas—os Evangelhos e—a pessoa de Jesus Christo perante o mesmo systema.

III

Jesus Christo

STRAUSS na *Dissertação* com que remata a sua obra, depois de enumerar as christologias dos systemas — *orthodoxo*, — *racionalista*, — *electico* (*Schleiermacher*), — *symbolico*, — (*Kant e De Vette*) e *especulativo*, — apresenta a sua pelos seguintes termos:

«Telle est la clef de toute la christologie. Le sujet des attributs que l'Eglise donne au Christ est, au lieu d'un individu, une idée, mais une idée réelle, et non une idée sans réalité, à la façon de Kant. Plucées dans un individu, dans un Dieu-homme, les propriétés et les fonctions que l'Eglise attribue au Christ se contredisent; elles concordent dans l'idée de l'espece. L'humanité est la reunion des deux natures: le Dieu fait homme, c'est-à-dire l'esprit infini qui s'est aliéné lui-même jusqu'à la nature finie, et l'esprit fini qui se souvient de son infinité. Elle est l'enfant de la mère visible et du

(1) S. Paulo, *Epistola aos Romanos*, c. XIII, v. 2.

(2) *Psalmos xxxv*, v. 4.

(1) Veja, no respeitante ás objecções, a *Theol. dog. do autor*, tratado da Revelação, capitulo *Unidade da Igreja*.

père invisible de l'esprit et de la nature. Elle est celui qui fait des mirades; car, dans le cours de l'histoire humaine, l'esprit maîtrise de plus en plus complètement la nature au dedans comme au dehors de l'homme, et celle-ci, en face de lui, descend au rôle de matière inerte sur laquelle son activité s'exerce. Elle est l'impeccable, car la marche de son développement est irréprochable; la sonilure ne s'attache jamais qu'à l'individu, elle n'atteint pas l'espèce et son histoire. Elle est celui qui meurt, ressuscite et monte au ciel; car, pour elle, du rejet de sa naturalité procède une vie spirituelle de plus en plus haute; et du rejet du fini qui la borne comme esprit individuel, national et planétaire, procède son unité avec l'esprit infini du ciel. Par la foi à ce Christ, particulièrement à sa mort et à sa résurrection, l'homme se justifie devant Dieu; c'est-à-dire que l'individu lui-même, en vivifiant dans lui l'idée de la humanité, participe à la vie divinement humaine de l'espèce, surtout si l'on considère que la seule voie pour arriver à la véritable vie spirituelle est la negation de la naturalité et de la sensibilité, lesquelles sont déjà elles-mêmes la negation de l'esprit, de sorte que c'est la negation de la negation.»

Não é necessario ser profundamente versado nos diferentes systemas philosophicos allemães do seculo passado para conhecer que Strauss ao escrever a sua christologia teve em vista o systema de Hegel; todos os exegetas são unanimes a similhante respeito.

Para a refutarmos, pois, nada mais teriamos que fazer do que refutar o systema de Hegel, que em ultima analyse se reduz á theoria da *perfectibilidade infinita da humanidade por meio das evoluções da idéa*. Não o faremos para não alongarmos em demasia este *Estudo*; em muitos compendios e tractados philosophicos poderão os leitores encontrar excellentes refutações, e por isso limitar-nos-hemos a apresentar alguns argumentos geraes de incontestavel valia ⁽¹⁾.

Segundo Hegel e Strauss—Moysés, Confucio, Platão e outros muitos homens celebres não foram mais do que perfeições do *eu absoluto*, ou do ideal de perfeições que é Deus. Jesus Christo, porem, foi de todos os homens celebres o que chegou a attingir o maior grau de perfeição, o que não obsta a que pelo decorrer dos tempos possa apparecer outro, que realise ainda melhor esse ideal.

Esta theoria que não é mais do que o—*pantheismo idealista*—não se funda em argumento algum solido, é mera-

⁽¹⁾ *Compendium Philosophiae ad usum Seminariorum.—Philosophia Fundamental—* por Jayme Balme, etc., etc.

mente gratuita; e sendo assim nem as honras da discussão pôde merecer ⁽¹⁾.
Leva-nos á identificação do *finito* com o *infinito*, do *relativo* com o *absoluto*, do *contingente* com o *necessario*, o que é mui absurdo.

Destroe a idéa de Deus porque admitte em Deus evoluções necessarias e successivas, o que é contrario á sua immutabilidade.

Suppõe que o homem ser finito e limitado é susceptivel de perfeição absoluta, o que equivale a admittir um ente composto de partes heterogeneas, o que é igualmente absurdo.

Uma theoria d'onde se deduzem taes consequencias não pode alcunhar-se de verdadeira, portanto é falsa a christologia de Strauss que d'ella pronana, como a sua fonte ou origem.

O systema de Strauss que tanto ruido produziu nos arraiaes da sciencia hade fatalmente ter o mesmo destino que todos os demais que têm apparecido.

Na Allemanha, principalmente, causou e ainda causa grandes males; hoje, porem, vae sendo abandonado e substituido pelo *ecletismo*.

Intentava destruir pela sua base o Christianismo e a Igreja; mas importantes são todos os esforços humanos para derrocar edificios dezenove vezes seculares. A exegese catholica triumphou mais uma vez e triumphará sempre atravez de todos os seculos, porque só n'ella se encontra o *caminho* que todo o homem deve trilhar para a consecução do seu fim temporal e espirital; a *verdade* que nunca pode ser offuscada pelas nebruras do erro e a verdadeira tranquillidade da vida. *Ego sum via, veritas et vita.*

Braga—1882.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Critica

A MORTE DE UM LIBERAL

O DIA 13 do corrente foi de luto pesado nos arraiaes do liberalismo portuguez. Cahira a meio da haste a bandeira bicolor, tarjaram-se de

⁽¹⁾ Custa a comprehender como esta e outras theorias dos philosophos da actualidade têm feito tanto ruido no campo da sciencia não sendo fundadas quasi sempre senão na vontade ou imaginação dos meanos.

Dizem-se positivistas taes philosophos; mas cremos que bem longe estão de o serem;—o seu palavriado d'ordinario está na razão inversa das provas.

luto os jornaes da irm.ª, e apregoou-se a amplos pulmões, que o jornalismo portuguez estava de luto.

Os inimigos politicos ensarilharam armas para cahir de joelhos ás bordas do tumulto que se ia cerrar, *onde tudo acaba*, e prestaram o devido preito ao homem, que, embora inimigo politico, era amigo intimo de todos no que tocava a religião: era da mesma *irmandade*.

Os jornalistas (da irm.ª, entenda-se), os ministros, os deputados, os parentes, as varias associações, tudo concorreu a abrilhantar a festa. Os parentes, os amigos, o snr. Fontes, fizeram convites e deram parte de *haver Deus chamado á sua presença* o conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, etc. etc.

No convite que faz aos *seus amigos pessoas e politicos* o snr. presidente de ministros achamos alguma cousa que nos deixa em duvida. Diz s. ex.ª o snr. Fontes:—*que foi Deus servido levar da vida presente ao seu muito presado amigo Antonio Rodrigues Sampaio, etc. etc.* Ora nós, que não somos presidente de ministros nem cousa que o valha, temos nossas duvidas, que não sabemos quem as hade resolver. O snr. Antonio Rodrigues Sampaio era *muito presado amigo* de Deus, ou do snr. Fontes?

Se era *muito presado amigo* do snr. Fontes, estamos bem; (ainda que soffra a grammatica) mas se o conselheiro morto era *muito presado amigo* de Deus, qual a razão porque os jornalistas, que nos descrevem todas as phases da vida do snr. Sampaio, não esquecendo a mais pequena das particularidades occorridas durante a molestia, nos não dizem como foi recebido o padre que o foi confessar, como o doente encarou esse momento, e qual a sua coragem e grandeza d'alma ao receber a visita de Jesus Sacramentado?

Contou-se tudo, tudo. Desde os seus primeiros annos em que ajudava ás missas na sua freguezia proximo de Barcellos, o em que comia ao parcho o latim que elle lhe podia ministrar, até á ultima palavra, soltada no leito da morte, tudo foi narrado; mas dizer que se confessou, que foi lá, a casa d'elle, do jornalista velho o Senhor dos Senhores, o Rei dos reis, e que o gordo conselheiro recebera devotamente o Corpo de Jesus Christo, isso é que não foi capaz nenhum d'elles de dizer!

Não o receberia? morreria como morrem os que não tem a ventura de pertencer ao gremio catholico? Mas então para que os officios divinos na igreja de Santa Izabel?

E' certo que Rodrigues Sampaio dissera no seu testamento, feito em 1879, *que foi sempre catholico, apostolico romano, professando a religião de Jesus,*

em cuja fé tem vivido e n'ella deseja morrer; mas vem desmentir esta profissão de fé o annuncio seguinte, que foi publicado nos jornaes de Lisboa depois da morte do afamado jornalista:

«GRANDE ORIENTE LUSITANO UNIDO

A maçonaria portugueza convida todos os membros a acompanhar o corpo do fallecido Ir. Antonio Rodrigues Sampaio, sahindo o prestito da egreja de Santa Izabel, hoje 15, pelo meio dia para o cemiterio Occidental, para d'este modo se pagar o justo tributo á memoria d'aquelle apostolo do principio associativo.—O secretario, E. Amor-duz.»

Não se póde, porque a prohibe a Egreja, ser catholico e ao mesmo tempo mação. Estar á sombra da Cruz e á sombra do malhete, isso é que não é possível, embora se tenha grande barriga, se seja o primeiro jornalista, e se ostente a farda de ministro. Ou uma ou outra cousa.

Não podemos affirmar que o sr. Rodrigues Sampaio fosse d'esta para a outra vida sem os ultimos soccorros da Egreja; o que sim podemos jurar é que os jornaes não o disseram. Seria para não desacreditar a irmandade de que elle era ir. Fosse o que fosse, o decano do jornalismo liberalesco em Portugal era mação, e como tal foi o seu cadaver acompanhado á ultima morada pela maçonaria. Se se confessou não o rezam as gazetas, e peor para elle se o não fez.

Nos nossos arraias não ha luto, que por mações o não cobrimos. A' hora da morte podia ter um arrependimento e abjurar os erros em que vivera; mas, repetimos, as gazetas não o dizem, e á falta de sabermos se elle morreu no gremio da Egreja nem lhe podemos ofertar as nossas orações.

Está de luto o jornalismo maçõnico, mas não o está o jornalismo catholico portuguez.

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Litteraria

LEMBRANÇA

(NAS FOLHAS D'UM LIVRO)

Senhora: quando leio os versos que me deste, aquellas impressões d'uma alma agradecida, eu soismo que te vês entregue ao soffrimento, que o pranto que te corre em face amortecida!

Ai! canta n'esses sons, da lyra suspirosa, a mágoa que te faz pender a fronte bella! Talvez que o teu porvir te mostre a flôr suave, que digas:—sou feliz! eu vejo a minha estrella!...

Madeira.

JOAQUIM PESTANA.

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

(Continuado do n.º anterior)

CAPITULO XIV

O carcere de Paula

S AHIRAM, afinal, ambos do palacio sem que ninguem os percebesse, e internaram-se silenciosamente pelas ruas de Roma. Clemente ia embuçado no seu largo manto de côr escura, exactamente igual aos que n'aquella epocha usavam os phylosophos: Victor vestia uma tunica branca e sobre ella a sua rica chlamyde de purpura: era este o traje dos patricios.

Felizmente não encontraram ninguem, a não ser um grupo que ouviram vir, e cujo encontro evitaram, tomando outra direcção; chegaram, pois, sem novidade ao carcere. Este distava pouco do Forum e era aberto na mesma rocha sobre a qual se eleva o Capitolio.

Chegados á porta, deteve-os a voz de uma sentinella.

—Quem vem lá?

—Victor Britannico e um companheiro com auctorisação do Pretor.

—Podem entrar; disse o soldado.

E o alcaide, que os esperava, porque havia recebido a participação do Pretor, acompanhou-os indo adiante com uma luz na mão. Andaram assim alguns instantes; depois pararam junto a uma porta; o carcereiro escolheu uma das chaves do molho que levava pendurado no braço, correu um grosso ferrolho, empurrou fortemente a porta e esta abriu-se de par em par.

—E' aqui, disse-lhes; descei as escadas e ao terminal-as encontrareis os presos.

Victor e Clemente desceram com cuidado, servindo-se da luz que lhes havia deixado o carcereiro.

Immediatamente, voltando á mão esquerda, chegaram a um estreito aposento em que se viam espalhados alguns molhos de palha de cevada, e deram allnal com os prisioneiros.

Eram tres. Um velho que se conservava dé pé, perto de um orificio que havia no tecto, com o unico fim de respirar o ar refrigerante da noite. A dous passos d'este, permanecia quasi immovel uma mulher ainda nova, toda acorçada a um canto sobre uma pouca de palha. Finalmente, a outro canto, estava Paula orando de joelhos, fixa a vista no tecto, como se lá ao longe visse uma luz ou contemplasse alguma visão.

—Paula, lhe disse Victor, acercando-se d'ella com respeito, aqui tens teu Pae e teu amo!

Paula, que ao presentir entrar gente e julgando chegada a sua ultima hora, havia redobrado o fervor de suas preces, voltou o rosto e levantou-se sorrindo.

—O' meu nobre amo, exclamou; não sei como agradecer-te! Recordaste-te de Paula! E vós tambem aqui, meu Pae! Oh! que feliz eu sou! Que bondade a de Jesus para os Seus servos!

—Poderiamos abandonar-te, minha filha? disse Clemente.

—Graças, muitas graças a Deus, continuou a joven, que já não morreremos sem haver recebido o ultimo perdão das nossas culpas! Está aqui a mãe de dous jovens christãos, que acabam de succumbir na arena! acrescentou indignando a encarcerada a quem o somno havia vencido. Necessita muito de consolações!

Clemente acercou-se, e aquella mulher, ao despertar, exclamou:

—Ai! meu Pae, meu Pae! Quando soará a hora da minha morte? Anceio tanto ir juntar-me com meus filhos! Parece-me já tão longa e tão demorada esta ausencia!

—Não tardará muito, minha filha. O dia da vossa victoria não pode estar longe. Esperai resignada até que o Senhor vol-o traga. Realisar-se-hão teus desejos, tornarás a vér ainda teus filhos no ceu. Entretanto, ó ditosissima mãe de dous martyres! recebei os parabens, os sinceros parabens do Vigario de Jesus Christo.

Victor, commovido em extremo ao contemplar este quadro e a alegria de Paula, a quem julgava encontrar abysmada sob o pezo da dôr, não podia conter as lagrimas.

E para que mais facilmente pudesse conversar com sua antiga escrava, pousou a luz sobre uma grande lage, onde se seguravam as cadeias com que se algemavam alguns prisioneiros. Ao inclinar-se, porém, para a collocar alli, esta illuminou em cheio o rosto do romano; foi então que o velho prisioneiro, cujos olhos se não haviam retirado nunca do patricio desde que elle entrou no calabouço, se dirigiu para elle, na mesma occasião em que Clemente, recordando-se tambem de o haver já visto, lhe disse:

—Pobre velho, meu irmão, como vos chamais? parece-me que essa physionomia já me não é de todo desconhecida.

—Chamo-me Syfax, respondeu; estava á espera de occasião opportuna para pedir-vos a benção, Santissimo Padre; pois fostes vós que me conferistes o santo Baptismo.

—Oh! já me recordo, disse, estreitando-o ao seu coração. Meu filho, lembro-me agora muito bem do fervor da tua fé, e hoje congratulo-me pela tua fortaleza. Eis aqui, Victor, disse apre-

sentando-lhe o preso, eis aqui um dos nossos christãos mais decididos e fervorosos.

Foi então que a luz, não sei se por casualidade, se porque Deus assim o dispusesse, illuminou todo o rosto do joven romano, dando occasião que se vissem e analysassem bem as suas bellas feições. Seus louros e encaracolados cabellos cahiam-lhe por sobre os hombros, e sua nobre e bizarra estatura ostentava todo o seu donaire. De repente, os olhos do velho prisioneiro recebem um desusado brilho, seu coração se expande, e com os braços abertos exclama:

—Com certeza, este é o meu rei! Pois não é Welfrid a quem estou vendo?

—Welfrid? repetiu Paula admirada.

Victor via e escutava tudo isto, completamente admirado e surprehendido.

—Não sou Welfrid, não; disse immediatamente; mas comprazo-me muito em ouvir nomear com mostras de tão encendrado amor o irmão de minha mãe.

—Então tu, nobre Victor, és sobrinho do rei Totfrid? exclamou Paula; e inclinou a cabeça sobre o peito, como se sua alma se retirasse a conversar com Deus no oratorio do coração.

Ninguém lhe respondeu, porque ao mesmo tempo o prisioneiro começou de referir sua historia n'estes termos:

—Welfrid era meu rei. Um dia, triste e amargurado dia, as legiões romanas invadiram nosso paiz, talaram nossos campos, atacaram nosso exercito, e ainda que todos pelejamos como bons... venceram-nos... Welfrid succumbiu com grande parte dos seus valentes. As mulheres, os filhos e nós os soldados, que cahimos prisioneiros, fomos conduzidos a Roma e declarados escravos. Mas... tu és o vivo retrato do Welfrid. Tua bocca, teus olhos, teus cabellos são exactamente os do meu rei. Se não liesses dito que eras seu sobrinho, eu tomar-te-lia agora por Welfrid.

—Welfrid era meu pae! exclamou Paula, deixando escapar o segredo d'envolta com um suspiro que não pôde reprimir.

—Paula! exclamou Victor soluçando; e para que m'o havias occultado! para que me havias roubado a felicidade de saber, que és quasi minha irmã!

E ao dizer isto, aconhegava e estreitava muito ao coração sua prima, e dos olhos d'ambos manava um rio de lagrimas.

(Continua).

Secção Illustrada

EGREJA DE S. COLMAN, EM DROMORE

QUANDO Henrique VIII, o sultão inglez arrancou a Inglaterra dos braços amorosos da Igreja Catholica,

onde dormia, a Irlanda conservou-se sempre, e apesar dos confiscos, filha submissa da Santa Igreja Romana, o que lhe custou ver que os reformadores se apoderaram de uma grande parte de suas propriedades. E se fôr necessario dizemos que no reinado de Izabel se decretaram leis que investiam a nobreza na posse de 30:000 acres de terrenos, tirados aos catholicos illhos da Irlanda.

Foi assim que procedeu o protestantismo na Inglaterra, e foi assim que o liberalismo procedeu em todos os paizes onde pôde seus arraias assentar.

Graças ao esforço e talento do grande O'Connel, a Irlanda pôde ter algum alivio em suas desgraças, e ultimamente parece ter alcançado um pouco de liberdade, podendo dedicar-se ao desenvolvimento dos institutos catholicos. A igreja de S. Colman, ultimamente construída, é uma prova d'essa liberdade, e da actividade que jámais faltou em povos que se honram em ser catholicos.

Deu-se principio a este formoso monumento, de que a nossa gravura d'este numero é copia fiel, em 1871 e á custa das esmolas dos fieis chegou a concluir-se e a enriquecer-se com alfaias de muito valor. O estylo é o puro gothico, estylo ao mesmo tempo solido como torre acastellada, e esbelto, elegante.

Sobre a porta principal tem a imagem do Santo Padroeiro, e no triangulo superior abre-se uma roza symbolizando o apostolado, e por toda a parte se nota e admira o gosto pela arte christã, que dominou durante a idade media.

Falta-lhe ainda, para ser concluída, uma das torres; mas nem por isso deixa de causar-nos admiração o saber que um templo de tal grandeza e trabalho fôra feito em pouco mais de 10 annos!

Quanto aos objectos do culto que esta igreja possui basta mencionarmos que entre todos elles se destaca um calix de ouro, encrustado de pedrarias, no valor de mais de cem contos de réis, offerta de um commerciante de Nueva-York, filho de Dromore.

Dromore faz parte do condado Down, e é muito commercial. Tem um bispo protestante, mas a maior parte dos habitantes é catholica.

R.

Secção Bibliographica

I

A paz d'alma, fructo da devoção á Eucharistia, e do abandono á Providencia. Com um appendice sobre o Purgatorio, as indulgencias e uma noticia sobre a sociedade do Coração Agonizante, pelo P. Chaignon, S. J.—

Vertida do francez da 2.ª edição, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, Conde de Samodães.—Editor, José Fructuoso da Fonseca.—1 vol. de 342 pag.—Preço 600 réis.

A PAZ d'alma! Quem não deseja possuil-a, essa felicidade que choveira do céu sobre os eremitas, sobre os monges do deserto, sobre os penitentes de todos os tempos? Quem ousa, no ultimo quartel do seculo das luzes, quando mal se escuta já o estrondo das cellas do cenobita, cedendo ao alvijo dos filhos das trevas, fallar na paz d'alma? Onde encontral-a, quando as longas arcarias ogivacs das casas monasticas são desertas e quando os longos corredores, d'antes passeados pelo pobre frade, são armazens, palheiros, quartéis militares, senão cousa peor ainda? Quem pôde achar a paz d'alma n'este seculo e n'um paiz onde a cruz foi derrocada, o sanctuario profanado, a virtude, a innocencia e a virgindade declarada um crime? Quem ousa fallar, pois, em paz d'alma?

A paz d'alma! Eu te saúdo, livro precioso, escripto na lingua de meus paes! Ajoelhado aos pés do Deus das misericordias, e com este livro na mão, eu posso, esquecido dos arruados do mundo, alcançar a paz para a minha alma e com ella o gozo da vida eterna. Com este livro, á noite, quando as portas dos theatros se abrem, convidando as turbas ao ensino do que ha de mais depravado, eu posso, de joelhos junto ao leito esquecer-me de tudo para só cuidar da minha alma, para só cuidar na vida eterna.

Por isso te saúdo livro que serás o meu companheiro, e que espero o sejas tambem de todos os meus leitores.

Mil agradecimentos ao nobre traductor que tão bem sabe empregar as suas horas d'ocio, enriquecendo a litteratura christã da nossa patria com livros que muito bem devem fazer, e grande gloria dar-lhe.

Ao editor agradecemos a offerta, e esperamos poder agradecer a todos os nossos collegas o tomarem um empenho verdadeiro pela propaganda de bons livros, esquecendo-se do serviço prestado aos editores, para só se lembrarem do que prestam á causa catholica, que todos temos obrigação de defender desde o momento que nos alistamos sob as bandeiras da Igreja.

II

Breves e familiares instrucções sobre o Symbolo — Credo—para servirem de continuação ás breves e familiares instrucções do sr. José Lambert, Presbytero, Doutor em theologia da casa e sociedade de Sorbonna, Prior de S. Martinho de Palaisaau.—Tra-

duzida do francez, pelo Padre M. J. Valente.

Seria uma heresia e das que reclamavam a reunião de um Concilio, o recommendarmos este livro se o snr. Padre Chrispim houvesse sido elevado a Papa. Como o não foi, louvores a Deus, e como a obra continua a merecer a approvação de S. Em.^a o Snr. Cardeal, Bispo do Porto, tendo tambem a seu favor as approvações que em o nosso passado numero foram publicadas no artigo sob o titulo de—*Mais luz*, podemos afoitamente fallar da obra, recommendal-a, fazer porque se espalhe aos quatro ventos etc. etc.

Annuncia-se para antes do dia 15 de Outubro proximo a appareição do 2.º e ultimo volume d'esta obra monumental, que todos os catholicos devem ler, que todos os escriptores, que militam em prol da Igreja devem recommendar, e que todos os ecclesiasticos, seja qual for o nome por que se conheçam, devem fazer que se propague, que se espalhe ás mãos cheias, que seja introduzido em todas as casas.

Muito folgamos com annunciar uma tal publicação, não só por não ficar truncada a quem comprou o 1.º volume, mas tambem, e muito principalmente, por que as letras patrias, e os amadores de bons livros, não ficam privados de uma obra de tal importancia, pelo lado catholico, vertida na lingua em que Camões, o nosso grande Camões, cantou, ao arpejo da sua lyra inspirada, as glorias da patria que é nossa.

Desejamos que todos façam d'ella aquisição, pois que, em vista do preço que o traductor estabelece até ao dia 15 de Outubro, 600 réis cada volume, é dos livros mais baratos que se teem publicado em Portugal.

Se algum dos nossos leitores quizer adquirir esta obra, ou o 2.º volume unicamente pode requisital-o ao editor do *Progresso Catholico*, enviando a sua importancia, que elle se encarregará de lh'a fazer chegar ás mãos.

Ao R.^{mo} Snr. Padre Valente damos mil parabens, e agradecemos desde já o exemplar que de certo nos ha-de enviar.

III

Archivo dos Açores—Publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia Açoriana.

Fomos obsequiados com os n.ºs xv, xvi e xvii do volume terceiro, d'esta importante publicação feita em Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel. E dizemos importante publicação, porque ainda não vimos, nem sabemos que em terra alguma do nosso Portugal se faça ou-

tra que mais o seja, nem que d'ella se aproxime. E' a mais curiosa, a mais digna de occupar lugar d'honra na bibliotheca d'un sabio de quantas obras sahem dos prélos portuguezes.

Dizendo isto não é para agradecer os exemplares que nos são enviados, nem tão pouco para render finezas ao author de uma obra que hade valer muito nos tempos porvir; nem uma nem outra cousa, e se dissermos, que n'esta época, quando tanto papel se estraga, sujando-o com porcarias, no nosso Portugal, nos parece impossivel que se faça uma publicação que um tal trabalho e estudo demanda, temos feito o melhor e o mais bem merecido elogio do *Archivo dos Açores*.

A Historia Verdadeira da Inquisição e a Imprensa portugueza.

X

DO «AFFONSO HENRIQUES», DE LAMEGO
(De 7 de setembro de 1882)

«Recebemos o fasciculo n.º 4 d'esta interessantissima e util publicação em que seu auctor D. Francisco Xavier G. Rodrigo firmou de um modo indubitavel o seu já reconhecido credito de illustração, fazendo radiar nos horisontes da publicidade a magica luz da verdade, dissipando as trevas de tantos erros *conscientes* e *inconscientes* que por ahi vagueavam a respeito dos verdadeiros fins da Inquisição.

Leia-se esta obra, e o erro ha de cahir.

Ao snr. padre Manoel José Gonçalves Preza, intelligentissimo traductor d'esta obra, cabe não menos merito e louvor pelo serviço prestado a Portugal.

E ao snr. Teixeira de Freitas, incansavel editor catholico de Portugal e a religião catholica, alem de outros, o importante serviço da edição de tão excellente trabalho.»

Com o 4.º fasciculo terminou o 1.º volume, que tem 544 paginas em lugar de perto de 500 que se prometteram. O preço por emquanto é o mesmo mas tem de ser elevado.

A. DE GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

UM papelucho de Lisboa, chamado *Instituições*, veio no dia 6 do corrente um pouco indignado pela mania que o governo portuguez conserva ainda de querer bispos e conegos. O *Conimbricense* sabiu logo ao encontro do *Instituições*, poz em riste a lan-

ça e, para não entrar em combate, aconselhou-o a que não guerreasse as nomeações de bispos e conegos, mas que guerreasse a todo o transe a maneira como ellas se fazem; porque aos catholicos só lho convém, nos bispados, sectarios filiados na sua escola, os quaes lhes sirvam de instrumento para os seus fins.

O *Conimbricense* aconselha o seu collega de Lisboa a que faça como os carollas e os reaccionarios: promover a nomeação de bispos e conegos tirados da ir.:

N'uma palavra; os liberaes não querem bispos, conegos nem padres; mas a havel-os servem-lhe sendo dos seus amigos, isto é sendo padres, conegos, bispos sem pertencerem ao gremio da Igreja Catholica.

Veremos se nas nomeações que nos dizem estar feitas se attende aos desejos e conselhos do snr. Martins de Carvalho.

A proposito vem o dizer ao dito snr. Martins de Carvalho, que o Rv.º Bispo de Lérida prohibiu a seus diocesanos a leitura do periodico *El Buen Sentido*, por ser contrario aos ensinamentos da Igreja.

Tome nota o snr. Carvalho, para saber que em Hespanha tambem ha bispos como o Arcebispo de Goa. Hade ser outro jesuita como o Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. Antonio Sebastião Valente, não lhe parece?

Diz-se que n'uma das praças de Guimarães se vae erguer uma estatua ao fundador da monarchia, a D. Affonso Henriques, filho d'esta terra. A idéa é grandiosa e muito folgamos de a vér realisada.

Affonso Henriques merece a estatua aos vimaranenses por ser conterraneo seu; merece-a aos portuguezes porque foi elle que á ponta da sua espada vencedora alargou os dominios da nação portugueza, e merece-a aos catholicos porque a sua espada partiu muitas vezes a corôa dos reis mouros, e arvorou o estandarte da cruz sobre os restos despedaçados do propheta.

Alguem quiz vér um acinte feito á Comissão do monumento a Pio ix na idéa da estatua a Affonso Henriques!

Pois que! Quem é o catholico que não concorre com o seu obulo para se erguer uma estatua a um principe que por vezes tem merecido a tentativa da sua canonisação? Acinte se o ha é feito aos modernos niveladores, aos que querem tudo arrazar, que rerorde o passado. A esses sim; porque quando se pretende deixar cahir os monumentos que lembravam o seu fundador, o clopetuou nas obras grandiosas que dei-

xou, o mesmo é que dizer:—vós não quereis deixar em pé o que nos recordava que houve um rei em Portugal, que edificava templos, que dotava conventos etc. etc.; pois bem, nós vamos levantar-lhe uma estatua para, mostrando-a, lembrarmos às gerações que hão-de vir, que houveram homens em Portugal que deixaram derrocar os grandes monumentos da sua grandeza e poder.

Mas aos catholicos! Nós, os catholicos vamos todos e da melhor vontade levar pedras para o monumento a D. Affonso Henriques, como as temos levado à Penha para o de Pio IX, o Grande.

Venha o monumento, que será uma honra para Guimarães e uma vergonha para os governos que supprimirem a Collegiada de Guimarães, essa vetusta egreja, que Affonso Henriques enriquecera, e de que fizera sua capella real.

Venha a estatua ao fundador da monarchia!

As conferencias da Juventude Catholica vão animando os soldados da Fé, os portuguezes que conservam ainda as gloriosas tradições de seus maiores. Na passada conferencia fez-se escutar o talentoso mancebo Armelino Junior e na 4.ª que teve logar ultimamente discursou o novel academico D. Thomaz d'Almeida.

Houve uma época em que era moda dizer-se que os catholicos eram uns quantos velhos, que se juntavam para fallar do passado e tomar rapé. Que venha hoje algum diz-o, e verá como é alcunhado de malcreado e pouco versado em cousas da actualidade.

O Snr. D. Thomaz d'Almeida principiou por fallar do estado brilhante em que se acha o movimento catholico em Portugal iniciado pela mocidade de Lisboa, e apontou as adhesões que nas principaes cidades do reino tem encontrado esse movimento.

Defendeu os jesuitas das calumnias que todos os dias lhe são arremessadas pela imprensa desgravatada, e em todo o seu discurso se mostrou á altura de um grande orador, d'um catholico verdadeiro.

Os nossos parabens.

Querem os nossos leitores saber o estado desgraçado em que se acham as escolas catholicas em França? Pois leiam o que diz o nosso estimavel collega lisbonense a *Nação*:

«Nos ultimos exames do bacharelato, o collegio de S. Francisco Xavier, de Besançon, teve, de 32 alumnos que se apresentaram, 22 admittidos, um d'elles com a nota rarissima de *multo bem*.

Os Irmãos de Maria de Saint Remy tiveram *sete* sobre *sete* no bacharelato em sciencias.

De 15 alumnos apresentados pelo

lyceu de Vesoul, *um só* foi admittido.

E' certo que os professores verdadeiramente no movimento devem, segundo disse um d'elles, fazer antes incredulos que bachareis.

Mais. O collegio Estanislaou, um dos mais christãos de Paris, deu este anno 33 bachareis em sciencias, 48 bachareis em letras, 67 alumnos foram admittidos á primeira prova do bacharelato, 18 entraram na eschola polytechnica e 31 em Saint-Cir.

No concurso geral, o collegio teve 51 nomeações, quatro d'ellas primeiros premios.

Ainda mais. Eis os resultados obtidos este anno pela eschola de Nossa Senhora da Val-de-Grace, em Paris: além do grande premio de honra do lyceu de Henrique IV, esta eschola teve 28 premios e 48 accessits em Henrique IV, S. Luiz e S. Barbara; 10 admittidos em Saint-Cir, sobre 14 alumnos apresentados, e 3 na eschola polytechnica sobre cinco.

Como vêem é uma desgraça! Aqui em Portugal, n'este bello paiz *a beira mar plantado* é que ha *asininhos*, com tão pouco miolo, que julgam a França toda athea e os catholicos envergonhados de o ser, como elles aqui se envergonham de ir á missa e de assistir aos actos da nossa Religião santissima.

Pobres *pequenos!*

O correio trouxe-nos uma noticia que devéras nos contristou. O periodico portuense, *Semanario dos Filhos de Maria*, esse formoso ramalhetinho, onde se viam reunidas quantas florinhas a Fé, a Caridade e a Esperança podiam reunir para suavisar a vida dos seus leitores, suspende a sua publicação!!! E pelas ruas de Lisboa e Porto, por todas as cidades importantes, pelos caminhos de ferro, nas estações das diligencias, nos vapores que atravessam o Tejo, por toda a parte continua a gritaria do garotismo apregoando as gazetas impias, onde se insulta Jesus Christo e o seu Vigario; onde se ensina a negar a auctoridade, onde se preparam suicidas, matricidas, regicidas!!!

Que vergonha, catholicos portuguezes, para vós, que sustentaes o vicio e o crime e não sustentaes a virtude! E é vossa a culpa; porque, quem se não os catholicos sustenta o jornalismo liberasta em Portugal? Onde encontrar atheus que os sustentassem?

Sentimos a falta do nosso companheiro de seis mezes, mas mais sentimos que esta falta seja motivada pelas indifferenças dos catholicos.

No theatro do Povo em Belem tem-se representado o drama «Os liberaes do seculo XIX.»

Diz o *Diario de Noticias* que n'este drama se combate sem treguas a Companhia de Jesus. E acrescenta: «Alguns curiosos encheram o theatro esperando que nova ordem da auctoridade viesse prohibir o spectaculo, mas felizmente não succedeu assim.»

Vê-se d'aqui que, quem enchia o theatro, esperava que o drama fosse prohibido; a auctoridade, porém, como não viu insulto á *Carta* nem ao *dador* da dita, deixou correr.

Por que mãos isto anda!

Pagae ainda para os jornaes da charica!

Nós se fizessemos levar á scena um drama com o titulo: *Os liberaes do seculo XIX*, não atacavamos os jesuitas; atacariamos antes uns certos *libertadores*, que entre outras cousas venderam por 2, ou 3 contos de réis um convento que ha pouco ardeu e que havia sido comprado, entre compadres, ao primeiro possuidor por 12 contos. Contrariamos d'estas *boas* obras centenaes d'ellas e deixariamos em paz os jesuitas, que se deixaram roubar e ninguem se veio queixar ainda dos seus roubos.

E mais nada.

J. DE FREITAS.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes

Conforme o que disseramos no supplemento espalhado, o *Progresso Catholico* será enviado no 5.º anno a todos os actuaes assignantes que até ao fim de outubro não derem ordens em contrario. Com o n.º 3 do 5.º anno espalharemos um supplemento onde serão publicados os nomes de todos os assignantes cujas assignaturas estiverem pagas até essa data, servindo isto de recibo para todos, pois que se fossemos a mandar recibo a cada um em particular gastariamos mais de 60,000 réis além do muito trabalho.

Rogamos a todos que, ao publicarmos o dito supplemento, não tenham a assignatura em branco para nos poupar a despeza de outro supplemento.

Muito desejamos que as importancias enviadas o não sejam em estampilhas porque além do inconveniente de se perderem collocam-nos na triste necessidade de não saber o que fazer d'ellas.

Distribuímos com o presente numero a capa para o 4.º volume, e com o n.º seguinte distribuiremos o indice.

TEIXEIRA DE FREITAS.